

De composição sintática a expressões congeladas: um olhar sintático-semântico sobre o léxico fraseológico e paremiológico

From syntactic composition to *expressions figées*: a syntactic-semantics analysis of the lexicon of phraseology and paremiology

Caroline de Castro Pires*

RESUMO: o presente artigo tem por objetivo apresentar uma proposta de identificação de expressões congeladas por meio do rastreamento do continuum existente entre os vários graus de congelamento, tal conceito permite verificar se uma palavra, expressão ou frase comporta-se como uma unidade semântica indissociável, isto é, comporta-se como um tipo particular de composto. Dessa maneira, pretende-se analisar desde as estruturas mais transparentes, ou seja, as unidades lexicais simples que expressam seu sentido pela denotação; até às estruturas opacas, cristalizadas, ou seja, as unidades lexicais complexas que apresentam um alto grau de deslocamento semântico, exprimindo seu sentido conotativo. A partir disso, este estudo se propõe a descrever o caminho desse continuum, partindo da composição sintática (expressões em vias de congelamento) até as expressões totalmente congeladas do léxico fraseológico e paremiológico

ABSTRACT: This paper aims to present a proposal for identifying frozen expressions by tracking the continuum that exists between the various degrees of freezing. This concept allows to verify if a word, expression or phrases perform a inseparable semantic unit, that is, if they perform a particular sort of composition. This way, we intend to analyze from the most transparent structures, that is, the simple lexical units that express their sense by denotation; the opaque crystallized structures, i.e., the complex lexical units which have a high degree of semantic displacement, expressing its connotative meaning. That said, the aim of this study is to describe the path of this continuum, based on the syntactic composition (expressions in the process of freezing), until completely frozen expressions of phraseological and paremiological lexicon.

PALAVRAS-CHAVE: Metáfora e metonímia. Composição sintática. Expressões congeladas. Fraseologia e paremiologia.

KEYWORDS: Metaphor and metonymy. Syntactic composition. Expressions figées. Phraseology and paremiology.

1. Metáfora e Metonímia

O presente artigo não tratará de um estudo geral sobre metáforas e metonímias, mas os tomará para ilustrar o funcionamento desses processos em sua contribuição para a formação de *nomes compostos, fraseologias e paremiologias*.

Para tanto, é importante iniciar este estudo salientando que o léxico de uma língua é o conjunto de suas lexias, e que as lexias são entidades abstratas que representam uma unidade

* Mestranda em Gramática, Semântica e Léxico. Artigo desenvolvido a partir da disciplina Estudos do Léxico, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

lexical — lexia em realização (POLGUÈRE, 2003, p. 69). As unidades lexicais, de modo geral, podem manter relações de sentido muito variadas no momento em que são empregadas para expressar o conhecimento de mundo de um indivíduo ou grupo de indivíduos sendo, no entanto, possível identificar, em cada unidade lexical, uma significação básica a ser considerada. Cabe observar que o significado básico de uma unidade lexical é muitas vezes designado pelo *sentido próprio* (denotativo), em oposição ao significado que seria derivado, geralmente chamado de *sentido figurado* (conotativo), que, para este estudo, corresponde a *metáforas* ou a *metonímias*.

Sobre a *metáfora*, sabe-se que é uma operação de substituição semântica, porém ela mantém as propriedades sintáticas das palavras-fonte presas na expressão. A metáfora bloqueia possibilidades de reformulação, como a *reconstrução*, o *apagamento* e a *paráfrase nominal* (GROSS, 1996:41). Por exemplo, na expressão metafórica *presente de grego*, não é possível, devido ao bloqueio, a reconstrução, ‘ela ganhou um presente de romano’, o apagamento, ‘ela ganhou um presente’, ou a paráfrase nominal, ‘ela ganhou um presente grego’, pois tais processos alterariam o valor semântico da expressão metafórica *presente de grego*, que significa ‘um presente que é desagradável’. Já a *metonímia* é um processo pelo qual um conceito é designado por meio de um termo diferente do que deveria; os dois conceitos estão ligados: (i) por uma relação de causa e efeito (*moda gestante*), (ii) por uma relação instrumental ou entre conteúdo e objeto (*creme amaciante*), ou (iii) por uma relação entre parte e todo (*tendão de Aquíles*). Nesse último caso, se o todo é designado por uma de suas partes, o último é a característica do conjunto, que constitui uma propriedade prototípica.

Outro ponto distintivo entre os dois processos é a noção de congelamento, esta será explicada nas seções seguintes, mais especificamente na seção 3; porém, é importante ressaltar, já neste momento, que a metáfora, entre os dois processos, é o mais produtivo; logo, é também o processo mais passível ao congelamento; enquanto a metonímia é um processo menos produtivo, sendo mais difícil de ser congelada.

Conforme salientou-se, no início desta seção, a relação semântica entre unidades lexicais pode se dar de formas variadas. Como exemplos para essas relações, são destacados as ligações *causal*, *metafórica* e *metonímica*. Em que a ligação causal ocorre quando lexias de uma mesma unidade lexical se unem. Assim, QUEBRAR₁ [o galho quebrado] coabita com seu causativo, QUEBRAR₂ [João quebrou o galho]; dessa maneira, diz-se que a sentença ‘João quebrou₂ o galho’ iguala-se a ‘João causou a quebra₁ do galho’.

A relação metafórica ocorre quando uma lexia L_2 está relacionada a uma lexia L_1 se denotar um conceito que mantém uma relação de semelhança com o conceito denotado por L_1 , assim pode-se dizer que: $L_2 = \dots$ como se L_1 , ou seja, no exemplo ‘ela é branca₂ como a neve₁’, a lexia BRANCA = como se NEVE.

Por último, a ligação metonímica apresenta-se quando uma lexia L_2 relaciona-se a uma lexia L_1 de um mesmo vocábulo se ele denota um conceito ligado por proximidade (no sentido mais geral) com o conceito denotado por L_1 . Isto é chamado de contiguidade de conceitos.

Conclui-se esta primeira seção introduzindo a parte seguinte, sobre composição sintática, em que proponho a identificação da metáfora ou da metonímia subjacente à estrutura composta. Um exemplo é o nome composto *beija-flor*, que revela uma composição sintática com origem metafórica subjacente: ‘o pássaro que beija a flor’.

2. Composição Sintática

Processa-se a composição sintagmática quando os membros integrantes de um segmento frasal encontram-se numa íntima relação sintática, tanto morfológica quanto semanticamente, de forma a constituírem uma única unidade léxica (ALVES, 1994, p. 50).

Pensar em elementos lexicais, sintaticamente, requer identificar duas vias de inserção da sintaxe nesses elementos: (i) o item lexical gerando condições para a sintaxe (como a regência dos verbos, por exemplo); (ii) a sintaxe gerando condições para a formação de um item lexical. Esta segunda perspectiva é que será abordada nesta seção.

Pela Gramática Tradicional, composição é um processo de formação de palavras que representa, semanticamente, uma ideia única e autônoma, e, morfológicamente, uma união de palavras, radicais ou raízes. No entanto, a interpretação dos compostos está, muitas vezes, dissociada das noções expressas pelas suas partes; isto é, a perda da composicionalidade¹ semântica é resultante de processos de lexicalização vinculado a fenômenos polissêmicos. A tradição gramatical igualmente restringe a descrição dos compostos à descrição dos compostos lexicalizados (itens lexicais), tornando indistintos os conceitos de composição e lexicalização, o que é um equívoco. Segundo Villalva (1994, p. 341-342), a formação de neologismos é um fator que impede que o estudo dos compostos se restrinja aos compostos lexicalizados. De

¹ *Composicionalidade* é um conceito gramatical que diz, de forma geral, que em uma composição, o produto deve refletir o valor das partes, isto é, a direção de uma sequência é o produto dos elementos que a compõem (GROSS, 1996).

acordo com a autora, outra consequência dessa confusão relaciona-se ao que se entende por aglutinação e justaposição, já que a distinção não se relaciona a dois modos distintos do processo composicional, mas sim a dois tipos de lexicalização: em que a *aglutinação* é a composição perfeita, uma vez que origina palavras com um só acento, com ideia singular (*vinagre, morcego*) e permite a lexicalização semântica e morfológica, pois parte da estrutura interna do composto é perdida; e a *justaposição* é a composição imperfeita, já que forma compostos ideológicos, em que cada constituinte tem acento próprio (*cabra-cega, pontapé*), o processo permite apenas lexicalização semântica. Conclui-se que a distinção entre aglutinação e composição pode ser resumida como a oposição entre compostos lexicalizados e não-lexicalizados, ou seja, entre os compostos que perdem e os que preservam sua estrutura interna, além de ambos apresentarem uma interpretação semântica composicional.

Villalva (1994; p. 343) propõe que os compostos sejam identificados como unidades morfológicas constituídas por um número mínimo de duas variáveis lexicais (radicais ou palavras). Logo, a composição relaciona-se à concatenação de, pelo menos, duas variáveis, em oposição ao processo de afixação, que consiste na concatenação de uma constante e de uma variável.

Quadro 1.

COMPOSIÇÃO	AFIXAÇÃO
[[x] [y]]	[a[x]] Prefixação [[x]a] Sufixação

Reproduzido de Villalva (1994, p. 354)

A autora salienta, ainda, que os compostos podem ser divididos em *compostos morfológicos* (formadores de neologismos), e *compostos sintáticos* (formados por palavras que integram estruturas sintáticas). Alves (1994, p. 52), distingue compostos propriamente ditos de composição sintagmática pela ordem das unidades sintagmáticas que sempre apresenta a distribuição determinado seguindo de determinante, o que não é verificado na composição pura, além de salientar que o composto puro obedece a regras de flexão (gênero e número), enquanto que os compostos sintagmáticos conservam as regras flexionais de suas categorias originais, estando em vias de lexicalização.

Para Villalva (1994, p. 346), os *compostos morfológicos* são estruturas resultantes de um processo de concatenação de radicais simples (*raticida*) ou complexos (*luso-brasileiro*), autonomamente existentes na língua, ou não. Tal processo produz palavras que são consideradas empréstimos, e não palavras geradas por processos produtivos, sendo veiculadas

ao domínio das linguagens de especialidade (terminologias técnicas). Os constituintes desses compostos são empréstimos greco-latinos, sendo referidos como compostos neoclássicos ou eruditos que se combinam com outras estruturas vernáculas do Português (composição híbrida) formando neologismos. Os compostos morfológicos caracterizam-se por uma concatenação de radicais, essas unidades podem se combinar livremente ou entre si, seja agregando-se ao primeiro constituinte (*morfologia*), seja agregando-se ao último constituinte da estrutura (*polimorfia*). Tal situação nunca é verificada com os afixos, já que sua posição é fixa na estrutura e sua concatenação geraria estruturas agramaticais (*fazer[des], *[cão]organiza).

Cabe salientar que a distinção entre radicais e afixos nem sempre é fácil de estabelecer. Villalva (1994, p. 351-352) salienta que muitos dos radicais que integram os compostos morfológicos não são verificados em palavras simples (**antropo/homem, *demo/povo*), e que sua semântica nem sempre é identificada, além de ser difícil atribuir-lhe uma categoria sintática, exceto por via etimológica. No caso dos prefixos, muitos apresentam forma livre correspondente na língua (advérbios e/ou preposições) como em *contra-ataque* e *maldizer*; os prefixos não possuem informação relativa à categoria sintática. Não é de se surpreender que na tradição gramatical, muitas vezes, a prefixação seja considerada como um tipo de composição, ou que formas como *auto*² sejam classificadas como prefixóides, por apresentarem certo grau de independência semântica e serem mais ou menos presentes na consciência dos falantes. Martinet (1967) considera este tipo de elemento como fruto da *recomposição*, *uma situação linguística particular que não se identifica nem com a composição propriamente dita, nem tampouco, de um modo geral, com a derivação, que supões a combinação de elementos de estatuto diferente* (MARTINET, 1973, p. 135), em que formas como *automóvel* são reduzidas e recombinaadas, formando novos compostos (*autoestrada*). Rocha (2003) chama tal processo de *truncamento estrutural* e Duarte (2008) denomina de *braquissemia*, isto é a conversão substantival (total ou parcial) do elemento pleno em um elemento truncado, sendo este último anexado a novas bases. Rocha (2003) ainda associa o conceito *prefixóide* para forma *auto-* (redução de *automóvel*) afirmando que este tipo de formativo é caracterizado por se localizar, na estrutura, em posição antepositiva à base. Há igualmente, *suffixóides*, formativos que se caracterizariam por se localizarem, na estrutura, em posição posposta à base, como *-ebre*, em *casebre*, e *-estre*, em *pedestre*, não sendo consideradas formas produtivas na língua; tanto

² *Auto-* como forma reduzida de *automóvel*, não com o sentido do prefixo grego *auto-* ('si mesmo').

prefixóides quanto sufixóides ocorrem apenas em contextos muito restritos, se não em contextos únicos, sendo consideradas formas fossilizadas (ROCHA, 2003). No entanto, formas que ocorrem tanto à direita quanto à esquerda da estrutura deverão ser analisadas de maneira distinta, por meio de uma hipótese mais adequada.

Pode-se assim concluir que a composição morfológica é um processo que opera exclusivamente sobre radicais. Este fato impede que os constituintes de um composto morfológico apresentem contraste de gênero (pelo índice temático e à flexão), dado que a flexão opera sobre temas. Dessa maneira, formas aparentemente idênticas como (*luso-brasileiro* e *surdo-mudo*) exibem contrastes diferentes de gênero e flexão, uma vez que no primeiro exemplo os constituintes são radicais, e no segundo, palavras. Em suma, *luso-brasileiro* é um composto morfológico e *surdo-mudo* um composto sintático.

Compostos sintáticos, tal como os morfológicos, são estruturas formadas por um mínimo de duas variáveis, mas as variáveis são palavras que integram expressões sintáticas. A análise dos compostos sintáticos como palavras geradas a partir de expressões sintáticas é essencialmente motivada por duas constatações, relacionadas (i) com a ordem dos seus constituintes e (ii) com o modo como flexionam e como realizam o gênero. No que diz respeito à ordem dos constituintes, em *homem-bomba* e *bomba-relógio*, *bomba* é modificador do primeiro e núcleo do segundo. Nesses casos, a função será determinada pela posição que o constituinte ocupa na estrutura. Quanto à realização da flexão, esta será idêntica a das expressões sintáticas equivalentes: o valor de número das *estruturas de modificação* é determinado pelo valor associado ao núcleo da expressão sintática; nas *estruturas coordenadas* é idêntico ao valor de número de todos os seus constituintes. O mesmo vale para a expressão de gênero, pois, tal como o número, o gênero das estruturas de modificação e coordenação é determinado pela sua estrutura sintática (VILLALVA, 1994, p. 377-378).

A descrição de flexão reforça a hipótese de que estes compostos têm uma estrutura sintática. No entanto, há compostos como *madrepérola*, *artimanha*, *corrimão*, *grão-duque*, etc., que não se comportam como compostos sintáticos; trata-se de ‘compostos lexicalizados’, ou ‘em curso de lexicalização’. De um modo geral, o efeito de lexicalização sobre os contrastes de gênero e sobre a realização da flexão consiste na adoção dos modelos que operam sobre as palavras simples, por perda da estrutura sintática (VILLALVA, 1994, p. 388).

Os compostos sintáticos não se comportam de forma homogênea, pois apresentam contrastes. Isso se deve ao fato de que não existe um processo único de formação de compostos

sintáticos relativamente aos processos sintáticos e morfológicos. Com efeito, Villalva distingue três tipos de expressões sintáticas em posição X^0 , isto é, em posição de núcleo do sintagma (VILLALVA, 1994, p. 397-398):

1) [V Compl], [$V_{TC1} V_{TC2}$]: a distinção sintática de sequência como *abre-latas* ou *vaivém* distingue a sua ocorrência como expressões sintáticas. Enquanto compostos, têm uma estrutura sintática que é morfológica e sintaticamente opaca.

2) [$N_{NÚCLEO} N$], [$ADJ_{TC1} ADJ_{TC2}$], [$N_{TC1} N_{TC2}$]: a distinção sintática de sequências como *governo-sombra*, *surdo-mudo* ou *saia-calça* é ambígua, mas a interpretação semântica permite distinguir a ocorrência de expressões sintáticas e de compostos. Já que compostos, têm uma estrutura sintática que é sintaticamente opaca, mas morfológicamente transparente.

3) [N SP], [ADJ N], [N ADJ]: a distinção e a interpretação de sequências como *fita métrica* ou *ministro da educação*, ou seja, de sequências semanticamente composicionais é idêntica quer ocorram em estruturas X^0 , que ocorram em posições XP^{Max} . Nesses casos, a sua estrutura sintática é sintática e morfológicamente transparente. Nos restantes casos, ou seja, quando essas sequências são semanticamente lexicalizadas (*curto-circuito*), a distinção sintática é ambígua, mas a interpretação semântica é distintiva. Em posição X^0 , estas sequências têm uma estrutura sintática que é sintaticamente opaca, mas morfológicamente transparente.

Conclui-se, em última instância, que todo o composto é um embrião sintático, pois, em sua base, encontra-se uma estrutura sintática. Assim, como já exemplificado, em *beija-flor*, está subjacente a estrutura ‘o pássaro que beija a flor’. É importante salientar que existem estruturas que são semanticamente opacas e outras que são quase transparentes. Assim há compostos ditos *exocêntricos* e compostos *endocêntricos*. Os compostos *exocêntricos* são expressões congeladas que, diferentemente de uma palavra simples, são polissêmicos e marcados morfológicamente (como em *pé-de-moleque*), seu sentido está fora das partes que os compõem. Quando isso ocorre, diz-se que não há mais individualidade lexical. Compostos *endocêntricos* têm problemas complexos de análise interna, pois não são opacos do ponto de vista semântico já que tem sentido composicional (como em *guarda-roupa*), o sentido é interno às partes. A sintaxe interna deste tipo de sequência não é totalmente livre.

Passemos, agora, às expressões congeladas.

3. Expressões Congeladas

Para designar o fenômeno linguístico descrito neste artigo, o conceito mais apropriado é a noção de congelamento. Para tanto, serão examinadas as propriedades que caracterizam o fenômeno, sob um aspecto mais geral, ou seja, independentemente dos aspectos específicos que o fenômeno possa apresentar e assumir nas diferentes facetas do discurso. Apesar disto, a proposta deste estudo não pretende reduzir o fenômeno a meras considerações generalizadas, uma vez que o conceito de congelamento apresenta mais minúcias do que as noções mais gerais abordadas neste artigo. Pretende-se, assim, apresentar um meio termo para a explicação do processo de congelamento.

Para que se possa introduzir a noção de congelamento, a primeira condição é saber que se está diante de uma sequência de palavras, as quais têm uma existência autônoma, fora da estrutura. No entanto, a mesma sequência apresenta uma relação discreta entre os diferentes elementos lexicais que formam a sequência. Cabe destacar que esta ligação dá-se tanto em nível de afixo + base, que ocorre no processo da derivação, quanto em nível base + base, no processo da composição. Compostos, representados graficamente por diacríticos (*bomba d'água*, *pé-de-moleque*), indicadores de ligação, e por soldadura ou aglutinação (*fidalgo* – ‘filho de alguém’), representam um problema: tais estruturas devem ser consideradas como uma sequência fixa ou como nomes simples? Compostos representados por espaço em branco (como *pé de anjo*) apresentam outro problema: essas formas podem ser consideradas como pertencentes ao processo de composição? Compostos eruditos (como *ribossomo*) pertencem a um limbo, e formas como *supermercado* pertenceriam ao processo derivacional ou composicional? Porém, todos os questionamentos levam à conclusão de que não se pode respondê-los se forem considerados apenas os aspectos formais, deve-se atentar para o dado semântico. Todas as expressões foram, em um dado momento, autônomas (*vide*: ‘filho de alguém’), e perderam sua composicionalidade com o tempo.

Na expressão ‘tirar o cavalinho da chuva’, não se aplica o conceito de composicionalidade, uma vez que o produto das partes é ‘desistir’. Quando há perda total do valor composicional das partes de um composto em prol de um valor distanciado, diz-se, então, que a sequência não tem uma leitura composicional, pois a estrutura, em questão, permite duas leituras distintas, uma transparente (‘retirar o animal da chuva’ ou ‘levar o animal para um local resguardado’), e uma opaca (‘desistir’). Diante de uma expressão como a do exemplo, diz-se

que há uma sequência opaca ou semanticamente congelada, e lexicamente restrita. Para haver opacidade, os elementos não podem contribuir com seus sentidos. A opacidade semântica é uma das características principais do congelamento.

Sobre o *escopo de congelamento* (*portée du figement*), o congelamento pode dar-se (i) em uma parte do grupo nominal, ou (ii) o congelamento pode ser completo. Quando há congelamento de uma parte do grupo nominal, a parte congelada é, frequentemente, uma metáfora. Na estrutura metafórica ‘um luxo de detalhes’ com o sentido de ‘requisite’, a indeterminação do artigo (‘um’), é que está congelada, pois não afeta ‘um qualquer’. No congelamento completo, há opacidade total no produto final do composto, ou seja, são compostos exocêntricos em sua maioria (GROSS, 1996, p. 38-39).

A partir disso, para que se possa falar em *graus de congelamento*, deve-se ter condições de identificar a partir de que momento ele é aplicado, independentemente da categoria da expressão ou composto. Neste ponto é acrescentado um terceiro critério que se estende dos dois anteriores: pode-se falar de sequências compostas quando nenhum dos elementos lexicais constituintes pode ser atualizado. Quando não há atualização dos elementos de uma estrutura composta, diz-se que a estrutura é *cristalizada*. Assim há, em um *continuum*, basicamente, estruturas transparentes, estruturas parcialmente congeladas, estruturas congeladas e estruturas cristalizadas.

Quando há escopo de congelamento, a situação mais comum é quando a estrutura composta inteira é congelada. Esse é o caso dos *provérbios* (‘à noite todos os gatos são pardos’), de *sequências verbais* (‘quebrar a cara’), de *substantivos* (‘beija-flor’), de *sequência adjetiva* ou *locução fossilizada* (‘embora’), de *sequência adverbial* (‘a toda a velocidade’), ou ainda, uma *locução prepositiva* (‘aos cuidados de’). Nesses exemplos, o congelamento afeta toda a sequência.

3.1 Testes para a identificação de congelamento (GROSS, 1996)

Construções livres têm propriedades transformacionais que dependem de sua organização interna. Dessa maneira, a relação entre um verbo transitivo direto (VTD) e seu complemento (COMPL) pode levar a algumas mudanças na estrutura dessas expressões livres, tais mudanças são denominadas de *transformações*. Dada a relação entre o VTD e seu COMPL, podem ser realizadas cinco transformações que, se aplicadas, sistematicamente, podem identificar estruturas sintaticamente congeladas.

É possível salientar que, a partir disso, se há opacidade semântica em uma estrutura esta estará relacionada com a falta de propriedades de transformação, assim, quando há bloqueio das propriedades transformacionais, há opacidade semântica e, conseqüentemente, congelamento da estrutura. As etapas de transformação são as seguintes: a *apassivação*, a *pronominalização*, o *deslocamento*, a *extração* ou *clivagem* e a *relativização*. Tais etapas permitem que uma expressão como *bater um bolão*, seja testada para que se possa conferir a existência de um grau ou não de opacidade semântica e, conseqüentemente, de congelamento da estrutura. A seguir, segue a testagem da seqüência *bater um bolão*.

Antes de iniciar o teste, primeiramente, deve-se inserir a seqüência em um contexto, para que, a partir da frase, se possa aplicar o teste. Se o produto do teste forem estruturas agramaticais, estas deverão ser marcadas com asterisco (*), caso as estruturas sejam imprecisas, deverão ser grifadas com um ponto de interrogação (?). É imprescindível, para o teste, que o sentido da expressão testada seja mantido, assim, ‘bater um bolão’ deve significar, para este teste, ‘ser experto em algo’.

Ex. Essa garota *bate um bolão*. (= ‘essa garota é experta em algo’)

APASSIVAÇÃO: *Um bolão é batido por essa garota.

PRONOMINALIZAÇÃO: *Essa garota bate-o.

EXTRAÇÃO: *Este é o bolão que essa garota bate.

DESLOCAMENTO: *Um bolão, essa garota bate.

RELATIVIZAÇÃO: *Este bolão que essa garota bate.

No exemplo testado (‘essa garota *bate um bolão*’), a expressão *bater um bolão* está totalmente opaca, ou seja, congelada, pois não houve gramaticalidade, na tentativa de se manter o sentido de ‘ser experto em algo’ em nenhuma das etapas do teste. Houve, assim, bloqueio das propriedades transformacionais.

Há a possibilidade de, em seqüências verbais, serem aplicadas como substantivos formando um *grupo nominal*³ composto de um nome e de um adjetivo, este tipo de estruturação pode ser objeto de modificações, como nominalizações, adição de advérbios de intensidade, inserção de advérbio de base nominal e de predicação. Por exemplo, estruturas como *um livro*

³ Um grupo nominal é uma estrutura sintática que pode ser representado como contendo, de forma maximizada, um pré-det, det, pós-det, núcleo, adjetivo. Um grupo nominal comum é uma asserção que um locutor faz seguindo regras gramaticais, enquanto que um composto é uma seqüência que se refere a um objeto ou uma ideia abstrata que o locutor crê, mas que pré-construiu e que faz parte do estoque de itens lexicais assim como os nomes simples (GROSS, 1996).

difficil pode ser transformado em ‘a dificuldade deste livro’ (nominalização), ‘um livro muito difícil’ (adição de advérbios de intensidade), ‘um livro particularmente difícil’ (adição de advérbio de base nominal), ‘este livro é difícil’ (predicação). Porém, em uma estrutura composta congelada, não é possível este tipo de inserção. As transformações exemplificadas são proibidas em compostos como *caixa-forte* (congelado), com o sentido de ‘local protegido’ ou ‘local para manter bens protegidos’, cuja opacidade semântica é evidente. Assim, torna-se impossível inserir elementos na sequência ‘uma caixa-forte’; gerar formas como ‘a fortaleza da caixa’, ‘uma caixa muito forte’, ‘uma caixa particularmente forte’ ou ‘a caixa é forte’, não manteriam o valor semântico da forma opaca *caixa-forte*.

Pode-se perceber, portanto, que o congelamento é um fenômeno que transcende o que é chamado geralmente de diferentes níveis de análise linguística e uma descrição que é apenas sintática ou semântica.

3.2 Graus de Congelamento

Sabe-se que em uma determinada cadeia apenas uma parte do conjunto pode sofrer congelamento, enquanto o restante é uma combinatória livre; com isso, estamos diante de um aspecto diferente do fenômeno, que já não diz respeito à extensão de uma sequência coesa, mas ao *grau de congelamento*. A maioria dos exemplos envolvem sequências com congelamento “completo”, isto é, nenhum dos elementos que compõem a cadeia está autorizado a escolher e, portanto, pode ser considerado um paradigma (GROSS, 1996, p. 16). Nos exemplos levantados por Gross (1996), para exprimir a ideia de ‘bom cozinheiro’ usa-se a expressão ‘*cordon bleu*’, nessa sequência, não é possível substituir *cordon* por outro substantivo, nem *bleu* por nenhum outro adjetivo. Cabe salientar que a falta de paradigma não é um fenômeno independente de outras propriedades, pois, o significado dessa sequência não é composicional, mas opaco, e as propriedades usuais do adjetivo estão bloqueadas. Trata-se, portanto, de uma situação de congelamento total.

Em congelamentos totais, as sequências funcionam de forma compacta, em blocos, assim como as categorias simples. No entanto, há sequência que permite a variação de um elemento da estrutura, assim, na sequência *rater le coche* (‘perder o barco’), pode-se substituir o verbo (*rater*) por *louper* ou *manquer*, permitindo a liberdade lexical, embora o significado da sequência permaneça opaco nos três casos. Variações são mais frequentes que o congelamento total, de acordo com pesquisas sistemáticas feitas em nomes, uma sequência como *vinho tinto*

não é completamente congelada, visto que a posição adjetiva pode ser substituída pelos adjetivos ‘branco’, ‘rosê’, etc. Nota-se que esses adjetivos não são uma fonte de predicados e não tem o significado usual (por exemplo, o ‘vinho branco’ está mais para ‘amarelo’), porém todos esses adjetivos designam diferentes tipos de vinhos.

Em uma dada posição as possibilidades de construção são mais ou menos importantes; nenhum paradigma é um caso limite. No entanto, outro parâmetro deve ser considerado, a natureza não distribucional que calcula as restrições que afetam a natureza semântica e sintática da relação entre os elementos de uma sequência. Há graus de congelamento nas línguas, um contínuo entre as sequências livres e aquelas que são totalmente restritas. A partir disso, pode-se dizer que, em estruturas restritas, como as fraseologias, parêmiias, deve-se atribuir-lhes o último grau de congelamento. Como será visto na subseção seguinte.

3.2.1 Fraseologia e Paremiologia: o último grau de congelamento

Expressões idiomáticas, fraseologias ou *expressões populares* são unidades lexicais complexas que se caracterizam por não possibilitarem a identificação de seus valores semânticos mediante o sentido literal de seus formativos, ou unidades lexicais simples, que as compõem; isto é, não apresentam composicionalidade semântica, sendo consideradas estruturas opacas, congeladas.

Segundo Gross (1996), uma expressão fraseológica opaca ou proverbial configura um sentido não-composicional, ao contrário de estruturas transparentes não fraseológicas. Diz-se, a partir do exposto, que o sentido de um provérbio é, necessariamente, opaco e não transparente; porém, esta opacidade não pode ser considerada como uma não composicionalidade exata, uma vez que esta característica expressa nos provérbios a forma por meio da qual tais fraseologias são percebidos pelos falantes, e a não composicionalidade contribui para a relação existente entre os constituintes do enunciado e o produto final como um todo.

Este tipo de expressão presente na comunicação rotineira é facilmente aceita e reconhecida pelos falantes de uma língua. Normalmente associadas à *gíria* ou *jargão*, que são criados para ser utilizados por um grupo restrito de forma que apenas os participantes daquele grupo possam se comunicar (CAMARA Jr., 1997, p. 127-8); muitas dessas expressões têm uma existência breve, ou ficam restritas a determinados contextos, enquanto outras resistem ao tempo, sendo reproduzidas em contextos mais amplos, fora da contextualização inicial. Muitas vezes, nesse último caso, a etimologia da fraseologia não é recuperada, perdendo seu valor

semântico inicial e sofrendo alargamento de sentido, o que permite sua utilização em contextos variados.

Linguisticamente, entendemos por fraseologia o conjunto de modos de expressões característico de um idioma, atividade ou grupo social, permitindo que muitos linguistas identifiquem enunciados sentenciosos como um tipo específico de unidade fraseológica. Dessa maneira, as fraseologias são percebidas como fórmulas histórico-cultural-coletivas que manifestam a mentalidade de um povo, de acordo com a perspectiva do grupo social que os produz, em última análise, exprimem a visão de mundo de seus falantes. Assim como os provérbios e ditos populares, com o passar dos séculos, essas sequências cristalizaram-se num amplo número de formas portadoras das vivências cotidianas de muitas gerações.

A *paremiologia* é uma área que estuda arquilexemas que englobam os refrãos, provérbios, máximas, sentenças, aforismos, ditos populares, etc., sendo o provérbio um tipo de discurso cristalizado no tempo, com uma origem opaca de difícil recuperação, mas que se mantém surpreendentemente onipresente na memória de seus falantes, transmitindo o senso comum por meio de metáforas de uso coletivo (XATARA, 1998, p. 21). Assim, ‘água mole em pedra dura tanto bate até que fura’, possui um significado parafraseado por ‘ter perseverança’. O valor sentencioso não permite, da mesma forma que as fraseologias, que se identifique o sentido das partes (unidades lexicais simples), isoladamente, mas sim na composição como um todo, isto é, na unidade lexical complexa, pois são estruturas cristalizadas, opacas e totalmente congeladas.

Nas fraseologias, de um modo geral, o valor semântico fechado restringe o uso dos provérbios para contextos mais específicos e não permite a inserção de outros elementos lexicais ou a extração de elementos lexicais de sua estrutura. A partir disso, em uma expressão como ‘uma andorinha não faz verão’, com o sentido aproximado expresso pela paráfrase ‘alguém sozinho não altera ou modifica algo’, não permitiria a inserção de um termo *‘uma andorinha *fêmea* não faz verão’, ou extração de um elemento, *‘uma andorinha não faz’. Tais processos gerariam sentenças semanticamente agramaticais em língua portuguesa, em relação à paráfrase ‘alguém sozinho não altera ou modifica algo’.

Passemos agora à testagem de algumas fraseologias por meio das propriedades transformacionais (apassivação, pronominalização, deslocamento, extração ou clivagem e relativização) que são aplicadas sistematicamente com o intuito de identificar estruturas

sintaticamente congeladas. Sequências congeladas bloqueiam as propriedades transformacionais. Assim, vejamos os exemplos a seguir:

Ex₁. ‘Cão que ladra não morde’. (= quem muito esbraveja não agride)

APASSIVAÇÃO: *Não é mordido cão que ladra.

PRONOMINALIZAÇÃO: impossível realizar este processo.

EXTRAÇÃO: *Cão que não morde.

DESLOCAMENTO: *Cão que morde não ladra.

RELATIVIZAÇÃO: *Este cão que ladra não morde.

No teste anterior, os processos transformacionais de apassivação, extração, deslocamento e relativização propiciaram a interpretação literal da fraseologia, sendo o *cão*, um animal qualquer, não permitindo a interpretação dada (‘quem muito esbraveja não agride’). Por fim, o processo de pronominalização não foi possível de ser aplicado, pois a estrutura da sequência não permite tal processo transformacional.

Ex₂: ‘Uma andorinha não faz verão’ (=‘alguém sozinho não altera ou modifica algo’)

APASSIVAÇÃO: *Verão não é feito por uma andorinha.

PRONOMINALIZAÇÃO: *Uma andorinha não o faz.

EXTRAÇÃO: *Uma andorinha não faz.

DESLOCAMENTO: *Não faz verão uma andorinha.

RELATIVIZAÇÃO: *Esta andorinha que não faz verão.

Todos os testes foram passíveis de aplicação no exemplo acima, no entanto, nenhuma das ocorrências permitiu manter o valor semântico dado (=‘alguém sozinho não altera ou modifica algo’). Mesmo no processo de relativização que gerou a estrutura ‘esta andorinha não faz verão’, altera o valor semântico, pois o pronome *esta* permite uma determinação da palavra *andorinha*, e a expressão original não, já que o artigo *uma* denota indeterminação, e esta indeterminação é que é opaca, uma vez que ‘uma andorinha’ pode-se referir, semanticamente, a qualquer um que haja sozinho.

Ex₃: ‘Água mole em pedra dura tanto bate até que fura’ (=‘ter perseverança’)

APASSIVAÇÃO: impossível realizar este processo.

PRONOMINALIZAÇÃO: *Água mole tanto a bate até que fura.

EXTRAÇÃO: *Mole em pedra dura tanto bate até que fura.

DESLOCAMENTO: *Bate tanto água mole em pedra dura até que fura.

RELATIVIZAÇÃO: *Água que é mole em pedra dura tanto bate até que fura.

No exemplo três, um processo não foi passível de aplicação, a apassivação, dada a extensão e inversão da sentença. Formas muito longas dificilmente permitem a aplicação dos processos transformacionais. Os processos restantes foram aplicados, mas a pronominalização e a extração geraram sentenças agramaticais e não semânticas. Os processos de deslocamento e relativização até permitiram certa estruturação sintático-semântica, mas não com o valor de ‘ter perseverança’, mas sim com um sentido literal. Cabe salientar que o exemplo três trata-se de um refrão; logo, não podem ser reorganizado ou posto em ordem direta. Refrãos são memorizados e transmitidos via oralidade, têm um significado bem marcado, uma vez que muitos transmitem uma moral.

4. Conclusão

Nesse *continuum* que parte das estruturas transparentes (unidades lexicais simples que expressam seu sentido denotado) até as estruturas opacas, cristalizadas (unidades lexicais complexas com deslocamento semântico), o presente artigo se propôs a rastrear, por meio do processo de congelamento, o caminho descrito por esse *continuum*. Dessa maneira, este artigo teve o objetivo de mostrar que a metáfora e a metonímia são dois processos que subjazem à formação de compostos, principalmente, a metáfora ao que compete a composição sintática. Ao salientar que toda a composição foi, em um dado momento, uma estrutura autônoma (*vide*: ‘filho de alguém’ = ‘fidalgo’) e que, com o tempo, suas partes foram perdendo a composicionalidade semântica em prol de um valor distanciado, opaco, cristalizado e, em última análise, congelado; os compostos são vistos como o primeiro passo para a identificação do congelamento ao permitirem a extração da metáfora ou da metonímia por trás de sua estrutura, assim, um exemplo como *beija-flor* revelou uma composição sintática de origem metafórica subjacente: ‘o pássaro que beija a flor’.

Para a identificação dos *graus de congelamento*, foram realizados os testes propostos por Gross (1996), principalmente os testes transformacionais que, por meio do bloqueio, identificam as expressões congeladas. Para detectar o último grau de congelamento, manifesto em fraseologias e paremiologias, aplicaram-se os testes transformacionais, em frases e refrãos. A testagem provou que não é possível realizar apassivação, pronominalização, extração, deslocamento, relativização, sem alterar o valor semântico das sequências, por gerar bloqueio em todos os processos transformacionais e, conseqüentemente, indicar, por meio dos exemplos,

a confirmação de que se tratam de sequências em último grau de congelamento. Essas sequências não aceitam acréscimo ou extração de elementos de sua estrutura, ou o uso de seus formativos isoladamente, pois o sentido é único, complexo, compacto e aplicado em contexto específico, qualquer deslocamento sensível resultaria na descaracterização da fraseologia ou da paremiologia.

Referências Bibliográficas

ALVES, I. M. **Neologismo: criação lexical**. Porto Alegre: Ática, 1994.

CAMARA JR, J. M. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

CAMARA Jr, J. M. **Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1997. 262 p.

CUNHA, C. F. Da ; CINTRA, L. F. L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

DUARTE, P. M. T. Fronteiras Lexicais: sugestões para uma delimitação dos prefixoides em português. In: **Revista Philologus / Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos**. – Ano 14, N° 42, (set/dez.2008) – Rio de Janeiro: CiFEFiL. 2008.

GONÇALVES, C. A. V. Composição e Derivação: polos prototípicos de um continuum? Pequeno estudo de casos. In: **Domínios da Lingu@gem**, Uberlândia, v. 5, n. 2, p. 63-94, 2011a.

GONÇALVES, C. A. V. Compostos Neoclássicos: estrutura e formação. **REVEL – Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, Porto Alegre, n. 9 (especial), p. 5-37, 2011b.

GROSS, G. **Les Expressions figées en Français**. Paris: Ophrys, 1996.

KLARE, J. Lexicología e Fraseología no Português Moderno. In: **Revista de Filologia Románica**, 11.1. Editorial de la Universidad Complutense. Madrid, 1986.

MAFRA, L. M. G.; CUNHA, B. T. F. Estudo de Unidades Fraseológicas e seus Sentidos Metafóricos: análise contrastiva. **Resumo no VII CONNEPI – Congresso Norte-Nordeste de Pesquisa e Inovação**. Palmas, Tocantins, 2012.

MARTINET, A. **Elementos de Linguística Geral**. Lisboa: Sá da Costa, 1973.

MARTINET, A. **Grammaire Fonctionnelle du Français**. Paris: Didier, 1979.

MONTEIRO, J. L. **Morfologia Portuguesa**. São Paulo: Pontes, 1989.

PÉREZ, R. A. Paremiología Contrastiva: propuesta de análisis lingüístico. In: **Revista de Investigación Lingüística**. Nº1, Vol. III, p. 7-47, 2000.

POLGUÈRE, A. **Lexicologie at Sémantique Lexicale**: notions fondamentales. Montreal: PUM, 2003.

ROCHA, L. C. de A. **Estruturas Morfológicas do Português**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

SAID ALI, M. **Gramática Histórica**, 1931 (reúne Lexeologia do Português Histórico, 1921, e Formação de Palavras e Sintaxe do Português Histórico, 1923).

SANDMANN, A. J. **Morfologia Lexical**. São Paulo: Contexto, 1992.

SANDMANN, A. J. **A Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo**. Ícone, 1989.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

VILLALVA, A. **Estruturas Morfológicas**: unidades hierárquicas nas palavras do português. Dissertação de doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa, 1994.

XATARA, C. M. **A tradução para o português de expressões idiomáticas em francês**. 1998. 253 f. Tese (Doutorado em Letras – Área de Lexicologia/Lexicografia). UNESP, Araraquara, 1998.

XATARA, C. M.; SUCCI, T. M. Revisitando o Conceito de Provérbios. In: **Veredas On Line** – Atemática – Vol. 1, p. 33-48. PPG Linguística/UFJF – Juiz de Fora – ISSN 1982-2243, 2008

Artigo recebido em: 07.08.2014

Artigo aprovado em: 04.12.2014